



Dificuldades e transtornos do aprender

será que aprendi?

Difficulties and disorders of learning

Didi I learn?

Maria Ambrosina da Costa¹

Resumo: O texto se propõe tratar da questão dos modelos de aprendizagem onde, o conceito do aprender é discutido para dar ao leitor a possibilidade de perceber, primeiro o que é elaboração de conceito e, principalmente que, esse processo, pode ser observado, mas de acordo com os conhecimentos adquiridos, ainda não há como compreender como se dá esse processo de maneira completa, ou seja, esse artigo visa instrumentalizar o professor para que ele tenha condições de trabalhar o conteúdo, organizando a estrutura mental e construindo os mapas conceituais.

Palavras-chave: Modelos de aprendizagem; Neurociência cognitiva, Ensino e aprendizagem.

Abstract: The text proposes to address the issue of learning models where the concept of learning is discussed to give the reader the opportunity to see firstly what is development of concept and especially that this process can be observed, but according with the acquired knowledge, there is no way to understand how this process takes place in a complete manner, that is, this article aims to equip the teacher so that he is able to work content, organizing the mental structure and building the conceptual maps.

Keywords: learning models; cognitive neuroscience, teaching and learning.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a aprendizagem, ou os mecanismos do aprender nos leva para um caminho intrincado, pois discute a própria possibilidade da nossa existência, já que é no movimento que nós, temos uma necessidade de fazer para “apropriarmo-nos” do mundo que nos rodeia e, assim, facilitar nossa sobrevivência, cria-se a ideia de que aprender é um movimento espontâneo de todos nós.

Ao longo de toda nossa história isso é o que parecia acontecer, já que, até biologicamente, pelo processo de seleção da espécie, quem aprende, aprende sobreviver, alimentar-se, proteger-se do tempo, evoluiu e criou outras formas de conduzir a vida,

¹ Universidade Cidade de São Paulo/UNICID - Psicóloga, Neuropsicóloga, Psicanalista, Doutora em Neurociência.

elaborando sempre novos conceitos que possibilitavam cada vez, menos esforço para o aprender.

O que pode ser percebido agora é que, esse processo, ou não está sendo conduzido de maneira adequada, ou houve uma mudança nessa característica humana, pois estamos com indivíduos, em número razoável que não estão nesse processo.

Veja a afirmação acima é bastante complexa, pois a constatação de que estamos onde estamos, se deu pela nossa capacidade de aprender, devemos questionar algumas questões importantes: há de fato indivíduos que não aprendem? Se isso acontece, eles estão comprometidos em sua sobrevivência, ou estão com prejuízo na capacidade do modelo de aprendizagem atual? Mais ainda, será que aprendem, mas nesse modelo, os outros não compreendem essa aprendizagem? O modelo não está adequado para o grupo de pessoas que abrange? Por fim, sempre houve esse grupo, mas ao longo do tempo foram tratados de outras maneiras, por isso, não havia a chance de percebê-los como hoje?

Responder essas questões poderão mostrar um caminho de lidar com o aprender, ou seja, tudo que pode ser colocado no espectro da normalidade, todas as formas do aprender, tópico extremamente importante para todos os profissionais envolvidos em tudo que diz respeito ao modelo de aprendizagem.

Tudo que diz respeito ao conhecer deve ser entendido na sua forma de expressão, pois não podemos afirmar como cada indivíduo, está elaborando a informação que lhe foi dada, pois o aprender é uma forma de percepção pessoal, ou seja, cada um de nós observa o mundo de acordo com suas vivências e sua história de vida, que exige respostas sociais e que são determinadas culturalmente, então lidar com a aprendizagem exige compreender com clareza, o método que está sendo empregado, qual o modelo que está posto para aquele contexto e, quais as alternativas de resposta, então devemos observar o seguinte:

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze (2001) procura mostrar que nós, professores, podemos até tentar controlar aquilo que ensinamos, mas é virtualmente impossível controlar o que alguém aprende. O currículo escolhido deve sempre possibilitar um espaço vivo de construção de conhecimento, resultante do pensamento, das experiências dos sujeitos e das suas interações de natureza histórica, biológica e social. Assim, deveremos estar cientes deste compromisso com sua viabilidade e nos colocar como *um* que conta e que necessita dos *outros* para puxar o fio e tecer o enredo conjuntamente. Esta é uma

tentativa permanente de alimentar uma ideia em permanente construção que exige de todos o compromisso com o trabalho articulado e que tem o seu tempo próprio e ao mesmo tempo é necessário a espera do tempo do grupo. Como numa orquestra, que para produzir música deve saber lidar com o som de vários instrumentos, respeitando o momento de cada um e sintonizados ao mesmo tempo com o grande momento em que todos tocam e o som produzido se faz melodia. (Cada um aprende como pode; Faculdade Pernambucana de Saúde, 2013)

Quando se coloca que a maneira do aprender é própria do indivíduo e que, criamos mecanismos para a avaliação, devemos discutir com muito cuidado como podemos ter, em alguma medida que represente o que pode ter sido compreendido por quem passa pelo processo de aprendizagem; o melhor instrumento que conhecemos é a linguagem, quando falamos em linguagem, não estamos colocando a fala, que é uma das expressões da linguagem, mas todos os mecanismos de comunicação que permitem que o indivíduo, expresse culturalmente, o que compreendeu do mundo e do social, que lhe é demonstrado.

Para isso, devemos observar as palavras de Vigotski (2004), citando Marx e Engels, em Obras, onde colocar de forma clara o significado da linguagem, que na sua representação pode demonstrar, ou não, uma compreensão esperada de quem elabora o conceito a ser aprendido, como a constituição do mundo, sempre como interpretação:

A aranha realiza operações que lembram as operações de tecelão, e a abelha, ao construir seus alvéolos de cera, humilha alguns arquitetos. Contudo, o pior arquiteto difere desde o início da melhor abelha porque antes de construir seu alvéolo de cera ele já construiu na própria cabeça. No final do processo de trabalho obtém-se um resultado que no início desse processo já existia na imaginação do homem, ou seja, existia no ideal. (*ibidem*, p.43)

Qual o significado dessa afirmação, que Vigotski, coloca citando Marx? é de que a linguagem é a maneira que o homem encontrou de fazer uma representação do mundo que nos rodeia, que por mais perfeita que seja, jamais poderá ser o “fenômeno” em si, bem como na aprendizagem o que é entendido por quem está ouvindo a informação é, decodificado por sua história de vida e nunca será o objeto em si, portanto, sempre será o conjunto de conteúdos sociais que devemos dar como resposta, por isso, o aprender se apropria de várias linguagens, cabendo aos que já passaram por essa elaboração cultural, oriente os outros de forma adequada, com um leque importante de opções.

A linguagem se torna extremamente importante nessa nossa discussão, pois é através dela que o indivíduo tem a possibilidade de demonstrar se entendeu, aquele objeto do conhecimento, de acordo com as possibilidades estabelecidas pela sociedade onde está inserido.

Começamos aqui a discussão sobre o modelo estabelecido socialmente, onde podemos observar se, e prestem bem atenção, o modelo que foi escolhido historicamente, é o mais adequado, ou se está sendo suficiente para a compreensão daquilo que a sociedade espera de seus membros.

Historicamente a escola representa o que a sociedade determina como estrutura de comportamento para seus indivíduos, ela reproduz nas disciplinas que trabalha e nos materiais e métodos que utiliza, como deverá ser o comportamento e a aprendizagem, nesse sentido mais amplo, de compreensão da cultura.

Aprender não é apenas, como já foi colocado, reproduzir respostas, mas em um processo muito mais complexo, reproduzir respostas pela compreensão de todos os aspectos envolvidos no fenômeno que está sendo demonstrado, seja ele, uma equação matemática, ou como escovar os dentes, para aquele que aprende, essa apreensão de mundo, pode apresentar a mesma dificuldade, e com certeza, o constitui como sujeito do seu próprio comportamento, dentro do que é possível; já que trata-se de algo pré-estabelecido.

Vamos nessa trilha, temos o aprender – estabelecido como modelo social – temos a linguagem, em todas as suas possibilidades, como a expressão desse modelo e, temos permeando e dando forma à tudo isso, o contexto sociocultural, elaborar essa trilha nos levará ao mecanismo principal das respostas dadas e observadas, nos levará para a organização do mecanismo de percepção da aprendizagem.

A percepção da aprendizagem significa o modo como qualquer indivíduo deve apreender o modelo da sociedade onde está inserido, quando isso não acontece, devemos pensar em alguns modelos, que ao longo do tempo, como demonstra toda a história do pensamento foram se modificando, pela necessidade de entender o mundo de acordo com o que estava sendo observado no momento.

No século XVII, Descartes e Galileu fizeram uma distinção precisa entre realidade física descrita pela ciência e a realidade mental da alma, considerada por eles como estando fora do escopo da pesquisa científica. Este dualismo entre a mente consciente e a matéria inconsciente foi útil para a pesquisa científica da época, até porque ajudou a afastar a autoridade dos religiosos sobre os cientistas

e porque o mundo físico poderia ser matematicamente tratado de uma forma na qual a mente não parecia se prestar. Mas tal dualismo se tornou um obstáculo para o século XX, já que parece situar a consciência e outros fenômenos mentais fora do mundo físico ordinário e, por conseguinte, fora do domínio da ciência natural. (SEARLE, 1997, p. 23).

O que está citado acima, é o típico exemplo de como a sociedade e o contexto sociocultural, interferem no reconhecimento de alguns fenômenos de acordo com o que se faz necessário, ou com o que se tornou conhecido, após a comprovação de novas teorias. Na aprendizagem, acontece o mesmo fenômeno, cada vez que algo é visto, ou organizado de maneira diferente, deve ser “reconstituído” na aprendizagem, o que temos visto, é uma grande mudança de conceitos (incluindo comportamento) e tecnologia, e um modelo escolar, que continua reproduzindo, em grande parte, o que já foi contestado e, observado de outra maneira.

Em termos de ilustração: a astronomia, percebeu, conhecendo mais sobre o Universo, que por suas características, Plutão não se encaixa na condição de planeta, no entanto, isso só será mudado nos livros escolares e no discurso da escola, daqui há algum tempo, o que significa que, apesar dos indivíduos já terem essa informação, a escola continuará dando esse conceito de forma equivocada, mesmo que mostrando que já foi mudado. Por que isso importa? Porque nosso cérebro mantém as informações em um modelo de organização de coerência de conceitos, nosso próprio exemplo: sabemos hoje, que a ideia das navegações é diferente da que foi aprendida antes, no nosso caso, Pedro Álvares Cabral, não “descobriu” o Brasil, pois errou o caminho para as Índias, ele estava na rota dos navegadores para conquistar novas terras, mas se alguém perguntar, “quem descobriu o Brasil”, sua resposta será...

Continuando nossa discussão, então aprender, é antes de tudo conseguir construir pela linguagem, o modelo da sociedade em que estamos inseridos, com a compreensão da relação entre os conceitos e a coerência na estrutura do pensamento.

COMPLICOU!!!! VAMOS LÁ:

A aprendizagem é um processo complexo que dura toda a vida indivíduo, e que não diz respeito só ao processo escolar, mas inclui, todas as situações de sobrevivência do ser humano, é uma questão de toda a espécie, e essa aprendizagem, é dinâmica, pois ao

longo do tempo, vamos revendo e aprendendo novas formas de observar o mundo e nos adaptarmos a ela.

Sendo assim, a aprendizagem é um processo de adaptação do organismo vivo, onde deve haver sempre uma re-significação dos objetos e fenômenos observados, esse processo se dá principalmente, pela organização da linguagem em todas as formas. Que formas são essas? Primeiro pela leitura do seu espaço mais próximo, depois pela formalização dessa espacialidade dada pela escola, na nossa cultura. O importante, é entender que, não existe a possibilidade da não aprendizagem, pois se isso não acontece compromete toda a espécie, então voltando ao tema desse texto, o que pode ser chamado de não aprendizagem.

A relação entre o ensino e o desenvolvimento da criança na idade escolar é a questão mais central e fundamental sem a qual o problema da psicologia pedagógica [...] do processo pedagógico não podem ser só resolvidos corretamente, mas nem sequer colocados. Por outro lado, essa questão é a mais sombria e não esclarecida entre todos os conceitos básicos em que se baseia a aplicação da ciência no desenvolvimento da criança à elucidação nos processos de sua educação. A ausência de clareza teórica da questão não significa, evidentemente, que ela tenha sido inteiramente afastada de todo o conjunto das investigações modernas relacionadas a esse campo. Nenhuma pesquisa concreta consegue evitar uma questão teórica central. Mas se em termos metodológicos o problema sem elucidação, isto significa apenas que as pesquisas concretas estão baseadas em postulados e premissas teoricamente confusas, criticamente não ponderadas, às vezes internamente contraditórias, não conscientizadas, em decisões alheias que, evidentemente, são a fonte de uma série de equívocos. (VIGOTSKI, 2004, p. 56)

O primeiro momento de análise que devemos ter, segundo o texto de Vigotski, é que apesar, da extrema preocupação de termos o entendimento sobre como os conceitos são elaborados, há sempre uma dúvida de que o que está sendo conhecido, é de fato, o fenômeno na sua melhor representação; isso em função de novos significados, mas o que não existe é a possibilidade de um organismo vivo não tender ao re-conhecimento do mundo ao seu redor.

Colocando as palavras do Vigotski (2004) citando Thorndike, mostrando como se dá as chamadas dificuldades de aprendizagem, criticando as explicações mais simplistas sobre esse fenômeno:

Uma resposta comum que os teóricos da psicologia e da pedagogia costumam dar consiste em que cada aquisição particular e cada forma especial de desenvolvimento realizam imediata e regularmente uma habilidade geral. O professor agia e pensava e agia com base na teoria de que a inteligência é um complexo de faculdades: de potencialidades, de espírito de observação, de atenção, memória, de pensamento, etc..., e todo aperfeiçoamento em uma dessas faculdades é uma aquisição para todas as demais. (*ibidem*, p.206)

A impressão que se tinha era que a aprendizagem, era um processo, onde havia um modelo de capacidade e competência para a apreensão de determinados conceitos, isso significava, que era algo que já era intrínseco do indivíduo, hoje sabemos que, todos os indivíduos podem significar ou melhor, de fato, devem fazer isso, para a preservação da espécie, quando há dificuldade nesse processo podemos pensar como Arendt (2007):

Uma crise na educação em qualquer ocasião originaria séria preocupação, mesmo se não refletisse, como ocorre no presente caso, uma crise e uma instabilidade mais gerais na sociedade moderna. A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos. Esses recém-chegados, além disso, não se acham acabados, mas em um estado de vir a ser. Assim, a criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em um processo de formação; é um novo ser humano em formação. Esse duplo aspecto não é de maneira alguma evidente por si mesmo, e não se aplica às formas de vida animais; corresponde a um duplo relacionamento, o relacionamento com o mundo, de um lado, e com a vida, de outro. A criança partilha o estado de vir a ser com todas as coisas vivas; com respeito à vida e seu desenvolvimento, a criança é um ser humano em processo de formação, do mesmo jeito que um gatinho é um gato em processo de formação. Mas a criança só é nova em relação a um mundo que existia antes dela, que continuará após sua morte e no qual transcorrerá sua vida. Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos. (*ibidem*, p. 219)

Percebam a importância do que está dito acima, é de total responsabilidade dos que já passaram pelo processo que, deem todas as condições para que o indivíduo que

está em formação tenha todos os mecanismos necessários para que, o aprender aconteça na sua forma mais plena.

Quando isso não acontece, há alguma interferência na habilidade desse “repassar” de informações, não se pode afirmar que não houve aprendizagem do organismo e sim, algo no processo onde o organismo jovem não está conseguindo associar por uma questão externa ao seu funcionamento, ou seja, feito de maneira onde não é dado ao indivíduo em formação a possibilidade de exploração do mundo.

Se esse processo não se dá, e isso é artificial, pois é próprio do organismo aprender, precisamos avaliar qual a interferência que está acontecendo, pois certamente, é a forma de apreensão desse mundo ao redor que está com prejuízo.

Existem várias formas de avaliarmos as dificuldades do aprender:

1. Dificuldades inerentes do processo de aprendizagem, onde o organismo vivo, precisa organizar as informações novas e, isso causa um “sofrimento” neural, onde toda a estrutura deve ser reorganizada, esse aspecto é próprio de qualquer aprendizagem, em qualquer momento da vida, acontece pela necessidade desse movimento para que continuemos a crescer, e assim construir novos modelos de sobrevivência.
2. Dificuldades “provocadas” pela estrutura proposta pelas organizações sociais responsáveis pela aprendizagem, basicamente, família e escola, em que situações, métodos e materiais, espaço adequado e na escola, profissionais competentes, não proporcionam as ferramentas adequadas para a formação dos conceitos dentro do modelo social, o que não significa que não está havendo aprendizagem, mas a resposta não está de acordo com o esperado, comprometendo a compreensão dos dois lados, de quem envia a informação e, de quem a recebe.
3. Dificuldades próprias do organismo, onde o indivíduo pode ter uma interpretação não – adequada da informação, esse tipo de dificuldade só pode ser apontada, quando nenhuma das anteriores causa nenhuma interferência, essas são próprias do mecanismo do aprender, que aparecerá em todos os aspectos, mas que fica mais claro na escola, pois é o local onde há o processo de formalização.

As dificuldades do aprender que são próprias do organismo, são encontradas na população geral, e sempre aconteceram de uma forma ou de outra. Nesse processo atual de diagnóstico do que não funciona no ambiente escolar, se tem a impressão

de que essas dificuldades, estão acontecendo só nesse momento e especificamente na escola. Deve-se levar em consideração que o modelo de resposta que, a escola ainda cobra, parece inadequada em relação às experiências que estão vivenciadas. Como foi colocado no texto, só há a possibilidade de avaliar se há aprendizagem, se o modelo for adequado ao organismo.

Vamos tocar em outro aspecto importante nessa compreensão, como se avalia, ou o que é avaliar algo, para termos um processo correto de avaliação precisamos ter, claramente, uma relação de reciprocidade entre o modelo do aprender, os mecanismos de observação do objeto e uma interação adequada entre quem demonstra o fenômeno e todas as formas de respostas socialmente possíveis.

A avaliação deve ser coerente, com a organização mental necessária para que, os indivíduos possam entender qual o modelo social está sendo cobrado.

A psicologia cognitiva baseia-se na posição de que a mente abriga representações mentais das informações. Alguns pesquisadores acreditam que as representações assumem formas de imagens pictóricas e compartilham algumas propriedades com a percepção visual. Entretanto, outros argumentam que as representações são estritamente proposicionais, no sentido de que estão baseadas em conhecimentos factuais do mundo. A solução para esse debate pode ser as representações existirem em múltiplos níveis, o que sugere que as representações em imagens e as representações baseadas em proposições podem coexistir. Em termos de implementação neural na cognição, os pesquisadores descreveram redes de neurônios interconectados que sinalizam representações via diferentes padrões de atividade através da rede. Por sua vez, a organização do conhecimento está criticamente ligada à memória em todas as suas formas. O nosso conhecimento dos objetos baseia-se em categorizar itens por seus atributos, o que reduz a quantidade de informações que precisamos armazenar a longo prazo. Da mesma forma, o nosso conhecimento das situações baseia-se no entendimento de como os eventos costumam desenrolar-se em determinados cenários e dos papéis específicos que as pessoas desempenham neles. (GAZZANIGA, 2005)

Vamos tentar desenrolar o que está acima, que é bem complexo, aprendemos o que pode ser compreendido pela nossa observação sociocultural, cada um de nós, e isso é bem importante, tem uma interpretação individual dos fenômenos, mas, ao mesmo tempo apresentar respostas que tem um modelo apropriado dentro do contexto social.

Explicando melhor, as observações que todos nós percebemos do mundo, nos são demonstradas pelas organizações sociais, família, escola, de uma maneira que deve ser respondido culturalmente, e os profissionais envolvidos no processo do aprender, devem ter todas as ferramentas que lhe permitam avaliar se está havendo uma elaboração e representação adequada do que está sendo exposto, ou não, caso não esteja acontecendo como estabelecer parâmetros que permitam identificar se está existindo a compreensão, ou se o organismo demonstra algum tipo de transtorno, que acabou ficando claro na escola.

Nesse momento, é de grande relevância essa distinção, pois se o que acontece for produto de uma dificuldade na compreensão do modelo cabe ao profissional da escola, o professor, lidar com um modelo que seja mais adequado para inseri-lo no modelo do aprender da nossa cultura.

Para que isso aconteça, há de se perceber a criança, como diz Arendt (2007):

Seja qual for a conexão entre fazer e aprender, e qualquer que seja a validade da fórmula pragmática, sua aplicação à educação, ou seja, ao modo de aprendizagem da criança, tende a tornar absoluto o mundo da infância exatamente da maneira como observamos no caso do primeiro pressuposto básico (que existe um mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças, autônomos..., levar em conta o grupo, e não a criança individual). Também aqui, sob o pretexto de respeitar a independência da criança, ela é excluída do mundo dos adultos e mantida artificialmente no seu próprio mundo, na medida em que este pode ser chamado de um mundo. (*ibidem*, p. 233)

Percebemos então que, devemos conhecer bastante bem todas as possibilidades, do espectro que chamamos de normalidade, para que possamos avaliar, principalmente, através das ferramentas dadas pela linguagem que, esse indivíduo está aprendendo de maneira eficiente, se isso não estiver acontecendo, ainda assim, há vários caminhos. Devemos investigar, também, se há uma dificuldade de compreensão do ambiente onde esse indivíduo está inserido, de qualquer tipo, tais como: material apropriado, método coerente, ambiente favorável, profissionais bem formados, levando tudo isso em consideração, e descartando todas as possibilidades que podem ser elaboradas, voltaremos nossa atenção para as questões próprias do indivíduo.

Quando todas as possibilidades da falta de compreensão do conteúdo, são descartadas, cabe aos responsáveis em todos os níveis de elaborar quais os mecanismos que não estão de acordo com a resposta, ou as respostas esperadas, isso significa que mesmo que haja clareza na escola que o indivíduo não consegue compreender os conceitos

apresentados, uma equipe multiprofissional, deve ser consultada, pois mesmo nas dificuldades orgânicas de aprendizagem, há também, várias formas de entender como se dá a compreensão, pois sempre haverá, um modelo, mesmo que inadequado de resposta.

Devemos, então avaliar, quais as áreas do conhecimento foram afetadas, em termos de resposta, e fazer com que haja ferramentas que facilitem a capacidade de compreensão e contribua para que o indivíduo seja inserido no contexto sociocultural, onde não haja sofrimento do organismo, ou encerrando com as palavras de Arendt (2007);

O que nos diz respeito, e que não podemos, portanto delegar à ciência específica da pedagogia, é a relação entre adultos e crianças em geral, ou, para colocá-lo em termos ainda mais gerais e exatos, nossa atitude face ao fato da natalidade: o fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento. A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (*ibidem*, p. 234)

Completando: a compreensão, a aprendizagem, deve sempre ser percebida, pois é uma questão de sobrevivência de toda a espécie, e isso se dá na adequação do modelo sociocultural, saber avaliar, quando isso acontece e, entender quando algo não está dentro desse contexto, elaborando mecanismos para a melhor maneira de inserção desse organismo; o fato é que o aprender próprio do ser humano, aparece nas suas mais variadas formas e, o não aprender, é na verdade, uma dificuldade dupla da compreensão: daquele que não compreende a observação do mundo dentro desse modelo, e daquele que, sendo o responsável por formalizar tal informação, não compreende outra resposta, que não seja a inserida no modelo.

Precisamos, portanto, compreender como se dá completamente, todas as possibilidades do aprender para facilitar a formação dos conceitos que tornam o mundo possível para todos, e elaborando sempre mais maneiras de organização do indivíduo e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDR, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GAZZANIGA, Michael; HEATHERTON, Todd. Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEARLE, John. O Mistério da Consciência. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

VIGOTSKI, Lev. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.